

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIA DE LEITURA NA BIBLIOTECA DA ESCOLA-PARQUE EM SALVADOR

Maria Isabel de Jesus Sousa*

Resumo

O trabalho enfoca a experiência de leitura desenvolvida na Biblioteca do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR) e as contribuições advindas das atividades realizadas neste espaço para a construção e o desenvolvimento do hábito de leitura nos educandos partícipes do referido Centro.

Palavras-chave: Leitura: Biblioteca escolar: Conhecimento

1 INTRODUÇÃO

O processo de educação formal, via de regra, adota mecanismos que possibilitam a transferência/transmissão dos saberes produzidos e acumulados pela sociedade humana ao longo de sua história. Este processo ocorre, para uma parcela significativa da população no espaço escolar, responsável legalmente instituído pela classe definidora das normas de formação social. Nesse sentido, a escola talvez, continue sendo, para muitos, o único espaço de aquisição de parte do conhecimento validado socialmente, com o papel preponderante de ensinar a ler e escrever.

Dentre os ambientes da instituição escolar, sala de aula, laboratório, grêmios, entre outros, a biblioteca pode tornar-se um espaço relevante para a prática de leitura. Não aquele que ensina decifrar os códigos lingüísticos, mas como local onde a prática leitora advém de um processo de sedução entre o leitor e o texto, no qual o ato de ler possibilite ao sujeito da leitura a compreensão

*Mestre em Ciência da Informação. Professor Assistente do Instituto de Ciência da Informação da UFBA.
e-mail: isasousa@ufba.br

assimilação e transformação da informação adquirida em um novo conhecimento.

É nessa perspectiva que a pesquisa busca demonstrar a experiência de construção do hábito de leitura dos alunos partícipes do processo de aprendizagem do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), na Biblioteca da Escola Parque, nos anos 60, acreditando que, no âmbito da educação escolar, o relato de ações inovadoras ocorridas no passado, podem contribuir para pensarmos o processo educativo presente, fazendo com que teorias possam ser “aplicadas no terreno da práxis educativa em instituições concretas, [e] se convertam em experiências comunicáveis e/ou transferíveis.” (IMBERON, 2000, p. 79).

2 METODOLOGIA

Considerando que a sociedade humana é uma estrutura constituída por espaços que se movem dinamicamente através da ação de seus sujeitos e concebendo o ambiente da biblioteca como um desses espaços, tomamos a Biblioteca da Escola-Parque do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador-Ba, na década de 60, para servir como objeto de nossa pesquisa.

Sendo tal espaço, parte integrante de uma instituição escolar, cujo modelo de educação se constituiu uma referência nacional e internacional pelo trabalho pedagógico desenvolvido, contextualizamos o CECR e a Escola-Parque para situarmos a dimensão sócio-educativa/informativa das atividades desenvolvidas na Biblioteca do referido Centro.

O projeto do Centro de Educação Popular, o primeiro dentre outros que Anísio Teixeira pretendia implantar em Salvador, foi concebido para abrigar as crianças sem escola, da periferia da Cidade. O bairro da Liberdade foi escolhido para ser o protótipo da grande obra, por ser o mais populoso e com mais baixo poder aquisitivo. A obra consistia em quatro Escolas-Classe e uma Escola-Parque. O conjunto completo atenderia quatro mil crianças, distribuídas nos turnos

matutino e vespertino. Em um turno, a criança freqüentaria a Escola-Classe, onde receberia educação formal, por ele chamada de clássica; no outro, dirigia-se à Escola-Parque, onde desenvolveria atividade de trabalho, de acordo com suas aptidões, e atividades lúdicas (dança, música, teatro, educação física, etc.), além de freqüentar a biblioteca, espaço destinado não só à pesquisa ou leitura, mas, também, a outras atividades culturais, ou seja, no projeto pedagógico do modelo concebido por Anísio Teixeira, existia uma articulação intrínseca entre as Escolas-Classe e a Escola-Parque.

A Escola Parque ocupa uma área arborizada com 42.292 m² em toda sua extensão, tendo aproximadamente 6.203 m² de área construída e é composta por um conjunto de edifícios que abrigam a administração, o refeitório e cinco setores (Setor de Trabalho, Setor Recreativo, Setor Artístico, Setor Socializante e Setor Cultural – Biblioteca), destinados a realização das práticas educativas.

O prédio que abriga a Biblioteca da Escola-Parque, organizado e instalado em julho de 1961 e inaugurado no segundo semestre de 1962, destaca-se dos demais setores do Centro pela imponência da construção. Projetada em formato circular, ocupa uma área aproximada de 622m², com estrutura física composta basicamente por vidros, proporcionando leveza e luminosidade natural àquele espaço destinado à aquisição do conhecimento. Internamente, o espaço é composto por dois pavimentos: um inferior, destinado às atividades com os estudantes e o superior (mezanino) reservado ao serviço de processamento técnico. A parte inferior, dividida em sete salas, foi estruturada no sentido de possibilitar a dinamização das práticas ali desenvolvidas. As salas, separadas por estantes repletas de livros, obedeciam a uma ordem pré-determinada, para atender às diversas turmas que freqüentavam a biblioteca a cada 45 minutos. Desse modo, cada sala contava com livros destinados a atender os alunos de acordo com as necessidades informacionais de cada aluno.

Em cada detalhe que se possa observar está evidenciada a visão do educador; a biblioteca deixa de ser apenas um local de estudos, assumindo o *status* de espaço de aprendizagem, informação, leitura e, principalmente, fruição do espírito.

A biblioteca constituía-se numa espaço destinado às “aulas de bibliotecas” (conjunto de ações desenvolvidas pelos professores da Biblioteca do CECR, envolvendo as atividades de hora do conto, a leitura livre ou orientada, o estudo, a pesquisa, o teatro de fantoches, o jornal mural, exposições de desenhos, trabalhos de alunos, concursos etc.), que ocorriam em horários pré-determinados, sob a orientação de cada docente, responsável por turmas específicas, de acordo com o nível de escolaridade e faixa etária dos educandos. Nestas aulas os conteúdos eram trabalhados de acordo com o planejamento da Escola-Classe e a programação definida pelos docentes para tal espaço informacional. Além dessas atividades, a biblioteca foi um espaço destinado à capacitação de docentes de vários estados do Brasil.

O estudo está centrado na apreensão das práticas desenvolvidas no cotidiano do referido espaço e a contribuição destas na formação sócio-educativa/informativa da clientela envolvida. Neste trabalho enfocaremos especificamente a atividades de leitura desenvolvida no referido ambiente e a contribuição desta na construção social dos educandos partícipes do modelo de educação de Anísio Teixeira.

A Biblioteca do CECR, nos anos 60, possuía em seu quadro funcional anual, em média dez professores de biblioteca – professores primários que desempenhavam suas atividades em tempo integral, na biblioteca – um bibliotecário e três funcionários, que atuavam diariamente no recinto. Os alunos que freqüentavam a biblioteca, em sua totalidade, eram aqueles que estudavam nas Escolas-Classe, uma vez que a presença deles era uma exigência do currículo vigente. Desse modo, a freqüência diária por turno, girava em torno de 450 alunos, distribuídos em turmas que

ocupavam as salas da biblioteca, a cada 45 minutos, além daqueles que freqüentavam o ambiente para ler ou pesquisar, fora do horário determinado

Por se tratar de um espaço inserido no contexto educacional, professores, alunos, bibliotecários, funcionários e diretor constituíram-se peças-chave na composição da amostra a ser estudada. Diante da necessidade de conhecer empiricamente a realidade configurada, tomamos, inicialmente, como representantes da população a ser pesquisada, professores, alunos, bibliotecário e a diretora da Escola, por entender que esses sujeitos participaram ativamente das ações desenvolvidas naquele espaço informacional, no período aludido – década de 60. No entanto, dificuldades decorrentes da impossibilidade de localizar os sujeitos e a objeção em colaborar com o estudo, foram decisivas para que a população fosse restrita a ex-professores e ex-alunos.

Numa tentativa de definição da amostra, procuramos identificar os elementos-chave envolvidos no contexto estudado, de modo a representar qualitativamente as experiências vivenciadas na biblioteca. Desta forma, o critério adotado para a seleção foi o referenciado na literatura da pesquisa qualitativa, na qual tem-se como amostra ideal, aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões (MINAYO, 1994), ou seja, a qualidade e não a quantidade dos sujeitos é o que deve definir a amostragem.

Nessa perspectiva, a amostra geral foi composta por cinco ex-professores e dezessete ex-alunos. Acreditamos que esse número reflete a realidade investigada, a partir da ótica de cada ator social, pois de acordo com Richardson (1999, p. 99) “[...] o que importa é a qualidade das informações, não o número de entrevistados que compartilha a informação.” No que se refere aos professores, esse número corresponde à aqueles que permaneceram mais de cinco anos na biblioteca. Para os alunos, o critério adotado foi o da temporalidade e acessibilidade dos sujeitos. Estes foram localizados e abordados num período de 2 meses.

Utilizamos diversas técnicas (entrevista semi-estruturada, análise documental e análise de conteúdo) que se adaptaram à tipologia da pesquisa, um estudo de âmbito microsocial. Esta combinação de fontes de dados é denominada triangulação, vista por alguns autores como bastante relevante para as interpretações ou inferências de dados (MINAYO, 1994; ANDRÉ, 1995). A utilização da entrevista numa pesquisa qualitativa, revela-se um precioso instrumento de coleta de dados, pois pode favorecer a obtenção de informações subjetivas, relacionadas a sentimentos, opiniões, crenças, atitudes e outras variáveis. Neste estudo, tal técnica tornou-se imprescindível, pois a construção do conhecimento toma como referencial, os sujeitos envolvidos no processo.

A opção pela entrevista semi-estruturada, com uso do gravador, delineou-se como a melhor maneira de apreender as representações dos sujeitos em situações concretamente vivenciadas. Para tanto, elaboramos roteiros distintos com questões que nortearam a “conversa” com os atores sociais de cada grupo (alunos e professores).

A análise documental foi realizada em relatórios elaborados pelas professoras lotadas no setor, nos quais o cotidiano da Biblioteca da Escola-Parque no período de 63-70 foi minuciosamente descrito, constando das atividades desenvolvidas mensalmente, junto aos alunos ou referentes ao serviço técnico, com exceção do ano de 1967, do qual só consta um plano de trabalho. Tais documentos foram imprescindíveis para a nossa pesquisa, pois permitiu compreender as práticas realizadas naquele ambiente informacional, trazendo preciosas informações acerca das ações, finalidades e funcionamento da biblioteca.

O método adotado inicialmente levou-nos a uma abordagem de predominância qualitativa, pois tratamos da reconstituição de práticas sociais ocorridas em um espaço social contextualizado historicamente, através das falas dos atores sociais que nele estiveram inseridos. Entretanto, o tratamento dos dados revelou que a mensuração de algumas questões, facilitaria a

compreensão do objeto pesquisado. Assim, adotamos também a quantificação de alguns dados relevantes ao estudo, sem contudo, perder a característica descritiva nele impressa.

Para o tratamento analítico dos foi escolhida a técnica de análise de conteúdo, por estar de acordo com a metodologia proposta e ao que se estabeleceu como objetivos deste estudo. De acordo com Bardin (1979, p.42) ela é definida como

[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicação, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permeiam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis indefinidas) dessas mensagens.

De acordo com Minayo (1994, p. 206) a análise “[...] apoia-se numa concepção de comunicação como processo ou não de um dado estático, e do discurso como palavra de ato.” Assim, foi adotado o recurso teórico-metodológico baseado na teoria da representação social, por configurar idéias evidenciadas na comunicação entre os ex-alunos e ex-professores da Biblioteca da Escola-Parque na vida cotidiana.

A abordagem trazida pela representação social corrobora a técnica de análise de conteúdo, no momento em que se valoriza o conhecimento do senso comum, propiciando a apreensão de aspectos da singularidade de cada sujeito. Possibilita, compreender melhor a relação entre sujeito, objeto e contexto através da comunicação.

Acreditamos, por conseguinte, que a abordagem aqui estabelecida foi a mais adequada para o tipo de estudo pretendido, posto que ela possibilitou decifrar e prever as ações e concepções dos sujeitos psicossociais envolvidos, objetivando-se um panorama projetivo de (re) construção da realidade estudada.

A coleta de dados procedeu-se em duas etapas. No primeiro momento buscou-se contatar pessoas que ainda estão exercendo atividades na Escola Parque e na Biblioteca, para reunir informação sobre o período analisado. A partir daí, procurou-se localizar a documentação

(diários de classe e relatórios referentes à biblioteca) e os sujeitos envolvidos no trabalho da Biblioteca nos anos 60. Nesta fase, algumas percalços e surpresas foram reveladas: as incursões à Escola-Parque coincidiram com o período em que esta passava por uma reforma geral, estando fechada ao público; impossibilidade de acesso aos diários de classe, face a sua destruição por se tratar de “coisas velhas e estragadas”; dificuldade de localizar os sujeitos, considerando que, a distância temporal que separa o estudo, da realidade atual, gira em torno de 40 anos; recusa em colaborar com a pesquisa alegando problemas de saúde (direção); óbito (bibliotecária)

Sanada essas dificuldades iniciais, procedeu-se a seleção dos relatórios para leituras posteriores e iniciou-se os contatos com os ex-alunos e ex-professores, para explicitação dos objetivos da pesquisa e definição de local e horários de realização das entrevistas.

A análise do material colhido durante a investigação procedeu da seguinte forma: leituras dos relatórios e transcrição de 33 horas de gravação. Em seguida foi feita uma categorização das informações coletadas no material analisado. A categoria aqui apresentada é espaço sócio-afetivo e conhecimento, pois está relacionada diretamente com a questão da atividade de leitura desenvolvida na biblioteca e a contribuição desta na formação dos educandos do CECR

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo a biblioteca escolar um espaço multidisciplinar, no qual uma gama de ações podem ser desenvolvidas, no sentido de colaborar para o processo de ensino aprendizagem, os dados apresentados corroboram essa assertiva, quando se referem às atividades ocorridas na Biblioteca da Escola-Parque, denominadas de “aulas de biblioteca”.

As atividades desenvolvidas nas “aulas de biblioteca”, reveladas nos depoimentos e relatórios analisados, são apresentadas na Tabela 1.

TABELA 1 - ATIVIDADES INDICADAS COMO REALIZADAS PELA BIBLIOTECA

Atividades	%		
	Informados pelos docentes	Informados pelos alunos	Indicados nos relatórios*
Leitura infanto-juvenil	100,0	100,0	85,7
Estudo livre ou dirigido	100,0	100,0	85,7
Pesquisa	100,0	82,3	85,7
Hora do conto	100,0	64,7	85,7
Exposições	80,0	52,9	85,7
Jornal-mural	80,0	29,4	57,1
Teatro de fantoches	80,0	58,8	57,1
Empréstimo	80,0	41,2	42,8
Outros (gincana, concurso)	0	5,9	42,8
Nº de casos	(05)	(17)	(07)

Observamos que as atividades dividiam-se entre as destinadas ao cumprimento das tarefas escolares dos alunos, e aquelas que envolviam a criatividade, o lúdico e o lazer. Nesse sentido, a Biblioteca da Escola-Parque desempenhava duas funções consideradas por Frago (1999) como essenciais no contexto escolar: a educativa e a cultural. Os dados apontam que a leitura, o estudo e a pesquisa foram atividades que efetivamente se concretizaram na biblioteca, tendo em vista que estas são indicadas em quase sua totalidade pelos elementos referenciais.

As atividades apresentadas na Tabela 1 referem-se àquelas ocorridas na biblioteca, em todo período analisado. Entretanto, não correspondem à participação efetiva do aluno em sua totalidade, tendo em vista que o ingresso na instituição ocorreu entre os anos de 1957 a 1963, destacando 1958 e 1962 com 35,3% e 29,4%, respectivamente. Considerando que a biblioteca programava suas atividades de acordo com a série e a faixa etária dos alunos, aqueles que ingressaram antes de 1960 no CECR efetivamente participaram das atividades de pesquisa, estudo livre ou dirigido, trabalho em grupo e leituras mais elaboradas, condizentes com as séries

mais avançadas, enquanto que os demais, em fase de alfabetização, realizavam a hora do conto, o teatro de fantoches, a dramatização e leituras elementares.

Os dados apresentados na Tabela 2 indicam as atividades que os alunos costumavam participar na biblioteca, de acordo com opção feita por cada um.

TABELA 2 – ATIVIDADES DA BIBLIOTECA PRATICADAS PELOS ALUNOS

Atividades	%
Leitura infanto-juvenil	100,0
Pesquisa	82,3
Hora do conto	64,7
Trabalho em grupo	58,8
Exposição	52,9
Teatro de fantoche	47,0
Empréstimo	41,2
Jornal-mural	29,4
Nº de casos	(17)

A leitura, seguida da atividade de pesquisa, figuram como as principais atividades realizadas pelos alunos na biblioteca. Esses números indicam que o espaço era predominantemente utilizado para a prática da leitura recreativa e para a realização de tarefas designadas pelas Escolas-Classe. Dessa forma, ao articular as atividades de lazer com as de pesquisa escolar, a Biblioteca da Escola-Parque consolida as funções anteriormente citadas por Fragoso (2000b) e ressaltadas por Viana et al. (1999) como específicas da biblioteca escolar que é despertar o gosto pela leitura e apoiar as atividades didáticas de sala de aula.

Dentre as atividades, que contaram com a participação dos alunos, identificamos aquelas consideradas por eles como as de maior preferência.

TABELA 3 - ATIVIDADES DE PREFERÊNCIA DOS ALUNOS

Atividade preferida	%
Leitura livre	70,6
Trabalho em grupo	29,4
Hora do conto	23,5
Teatro de fantoches	23,5
Pesquisa	11,8
Nº de casos	(17)

A leitura é reconhecida como atividade preferida por uma maioria expressiva (70,6%) dos alunos que freqüentaram o setor. Esse dado corrobora os apresentados nas Tabelas 1 e 2, nas quais esta predomina como a principal atividade realizada pela biblioteca e praticada pelos alunos. Um dado interessante evidenciado aqui diz respeito à pesquisa escolar, apontada na Tabela 2 como realizada por 82,3% dos entrevistados, que figura como a atividade de mais baixo índice de preferência entre eles. Essa constatação revela que a Biblioteca da Escola-Parque apresentava-se como um espaço voltado eminentemente para despertar o prazer pela leitura, condição essencial na sedimentação do hábito de ler desses sujeitos, nos remetendo à concepção de Anísio Teixeira, na qual a biblioteca “[...] não é só [local] de estudo, mas de leitura e de fruição dos bens do espírito.” (TEIXEIRA, 1977, p.130).

Considerando que o nosso estudo aborda a biblioteca inserida num contexto educacional com características especiais, embasado nos princípios da Escola Nova, buscamos apreender os benefícios advindos do uso da biblioteca para a formação dos discentes que dela usufruíram.

TABELA 4 - BENEFÍCIOS PROPORCIONADOS AOS ALUNOS PELA UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

Benefícios	%
Construção do hábito de leitura	82,3
Promoção do lazer/prazer	70,6
Desenvolvimento da independência na busca da informação	47,0
Disciplina quanto ao uso do espaço e do acervo	35,3
Acesso à informação	17,6
Outros(despertar o espírito de grupo, aumentar a concentração, respeito ao outro)	23,5
Nº de casos	(17)

Os dados apresentados nesta tabela sugerem que a Biblioteca da Escola-Parque alcançou dois dos principais objetivos da biblioteca escolar estabelecidos pela UNESCO/IFLA (2000) no Manifesto das Bibliotecas Escolares, e referendado pela literatura nacional sobre o assunto, representada por autores como Fragoso (2000), Amato e Garcia (1989), considerando a significativa percentagem que aponta para a construção do hábito de leitura (82,3%) e a promoção do lazer/prazer (70,6%) como principais benefícios proporcionados pela Biblioteca.

3.1 O ESPAÇO SÓCIO AFETIVO E DE CONHECIMENTO

As ações cotidianas de um dado espaço institucional podem revelar percepções distintas, mesmo ocorrendo em local e tempo específico, demonstrando que a apreensão da realidade se apresenta de forma diferenciada para cada ator social.

Aqui trataremos de desvelar algumas peculiaridades contidas nas falas dos sujeitos envolvidos neste estudo, considerando que no decorrer das entrevistas, subjetividades (valores, crenças, atitudes, opiniões), foram externadas através da linguagem oral e gestual.

3.1.1 **Leitura: o olhar dos educandos**

Ao alunos mencionam a biblioteca como um espaço de prazer/lazer e conhecimento, destacando que as várias opções de atividades foram determinantes para esta percepção:

[...] lá tinha atividade que realmente que dava satisfação em estar; então era conto de estória, você via marionetes, estórias em marionete (aluno 14).

Eu gostava de freqüentar, porque era lá nesse setor que eu parava para [...] assistir o teatro de fantoche, para ouvir também as estórias que as professoras contavam para a gente. Eu gostava disso (aluno 5).

Essas atividades eram fundamentais para os alunos das séries iniciais, ainda não habituados com o mundo das letras, necessitando de estímulos para incentivar o gosto pela leitura. Para Fragoso (2000c), a linguagem oral é imprescindível na idade pré-leitora, sendo a narração uma aliada na animação da leitura nesse período. Silveira (1996, p.11) salienta que “ler e contar estórias é uma boa forma de desenvolver o gosto pela fantasia, incentivando aspectos que dizem respeito ao seu potencial criativo”, levando os alunos ao interesse pelo livro como objeto de prazer.

Para outros alunos, a biblioteca representava um local de prazer, especialmente porque a leitura realizada por eles estava voltada apenas para a prática recreativa, como ressalta o aluno 17:

[...] a biblioteca para mim era muito mais um local de atividade lúdica: a leitura, mas de uma forma assim ... lúdica, do que daquela atividade escolar mesmo, de nota [...].

Ao mencionar a leitura lúdica realizada na Biblioteca, o aluno esclarece que não se tratava daquela adotada pelo currículo, com o objetivo de cumprir a programação da escola, mas sim de uma leitura desobrigada de tarefas escolares, cuja finalidade era estimular a curiosidade e conduzir ao prazer. Nesse sentido, a fala do aluno 16 ilustra esta constatação:

A biblioteca para mim... eu adorava ir para lá, porque eu me [...] eu ficava lendo aqueles livros de fadas, da Bela Adormecida, de monstros; eu me sentia a mocinha sendo salva por todos, pelos personagens; então eu sonhava muito na biblioteca, eu adorava ir para a biblioteca, não perdia um dia, fazia questão de não chegar atrasada, porque para mim era ali que eu me realizava, lendo aqueles livros; era gostoso demais, era bom; eu fazia porque gostava, por prazer.

Aqui, ele externa toda a magia e encantamento que os contos de fadas exercem na criança, alimentando a imaginação e estimulando as fantasias, demonstrando que o ato de ler representa mais do que a decodificação de sinais gráficos.

Seguindo a mesma linha, o aluno 8 enfatiza que a biblioteca era realmente um ambiente de prazer, onde a leitura era o passaporte para um mundo mágico:

[...] a biblioteca era uma ala, eu não digo de lazer, eu digo de prazer, que eu separo lazer e prazer. Repare bem como a biblioteca teve na minha vida: eu fui aprendendo a ler, a consultar livros, a entrar no paraíso mágico das letras, da conexão que as palavras tinham, para onde uma palavra escrita podia nos levar, a magia do pensamento que era criado através da leitura.

Assim, a leitura desenvolvida na Biblioteca da Escola-Parque, além de promover o hábito de ler, contribuiu para estimular a curiosidade, a conquistar novos horizontes, levando ao conhecimento mais aprofundado da realidade.

Ao trazer o conhecimento como uma categoria conceitual, estamos considerando que as informações veiculadas na biblioteca foram incorporadas e transformadas pelos sujeitos em situação de aprendizagem. Desse modo, o conhecimento é tratado aqui como a apreensão das informações contidas no acervo, considerando não só o material impresso como também o saber

oralmente transmitido pelos professores, visando entre outras coisas, formar hábitos relativos à utilização do ambiente como um todo.

Ao mencionar o conhecimento adquirido na biblioteca, os alunos reportam-se ora às práticas desenvolvidas pelas professoras, ora aos hábitos adquiridos através dessas ações.

Era um estímulo até para você desenvolver suas atividades na Escola-Classe, desenvolver seu potencial de interpretar, ligada a língua portuguesa, a área de interpretação, redação, composição. Elas [refere-se às professoras da biblioteca] também tinham esse trabalho de mostrar uma gravura; era um trabalho que eles utilizavam, mostrar uma gravura e você elaborar uma composição, tudo isso a gente fazia na biblioteca [...] o que eu quero dizer é que isso ajudava a você na Escola-Classe, na parte de redação [...] Eu mesmo adorava, quando chegava lá na Escola-Classe já estava craque (aluno 5).

A fala do aluno 5 sugere que as atividades desenvolvidas na Biblioteca da Escola-Parque colaboravam com processo de ensino aprendizagem das Escolas-Classe, considerado por Amato e Garcia (1989) como um dos objetivos da biblioteca escolar.

Ao referir-se à busca de informação, diretamente relacionada com as atividades da classe, o aluno 10 discorre sobre a forma desse profissional conduzir a atividade de pesquisa, enfatizando que a orientação dada na consulta do material bibliográfico favoreceu o desenvolvimento da capacidade de selecionar e avaliar a informação de acordo com cada necessidade.

[...] como se estudava na Escola-Classe, a escola mandava pesquisar [...] quando chegávamos lá [na biblioteca] ela [refere-se à professora] procurava tudo direitinho: lia essa parte, aqui tem outro livro, olhe aqui mais um [...] nos dava vários livros, várias opções, para daí nós escolhermos o como fazer. Ela cobrava, que não era para copiar: primeiro tem que ler, entender e depois passava o que você entendeu, e não o que estava ali no papel, você tem que transcrever o que entendeu; nos preparava para fazer lá fora uma boa redação; ela nos orientava de tal forma que você se sentia feliz em pesquisar, em fazer sua pesquisa direito.

Ao abordar a pesquisa escolar, o aluno esclarece que não se tratava simplesmente de copiar trechos de livros ou enciclopédias, mas de uma leitura reflexiva, sobre a qual deve-se proceder no ato da construção do conhecimento.

A utilização da biblioteca para a realização das tarefas escolares, permeia a maior parte dos depoimentos, indicando a existência de uma articulação entre a biblioteca e o projeto pedagógico veiculado nas Escolas-Classe, através do currículo adotado. A integração desses dois espaços – educativo/informativo – é observada pelos discentes:

[...] as atividades que eram passadas pelos nossos professores na classe, as nossas dificuldades e dúvidas nós tirávamos na biblioteca (aluno 11).

Os hábitos desenvolvidos na Biblioteca da Escola-Parque (leitura, uso do material e do espaço, concentração, etc.) são reconhecidos pelos alunos como aspectos relevantes na construção do conhecimento e na formação enquanto cidadão. Neste sentido, o aluno 8 credita o hábito adquirido na Biblioteca da Escola-Parque à sua condição de cidadã:

[...] eu aprendi a desenvolver algo que eu gostava muito, que era ler [...] nunca me cansei de consultar um livro, eu tive esse hábito desenvolvido lá, porque eu aprendi a gostar de livros na biblioteca [...] porque o país que não lê, é país de analfabetos, é um país que não vai poder reivindicar, que não vai poder solicitar, que não vai poder se impor. Então, para mim, como cidadã, eu sou privilegiada, porque apesar de ter sido uma menina de periferia, tive acesso a possibilidades e eu senti que eu me tornei uma possibilidade maravilhosa, no sentido de ter aprendido, ter podido hoje me considerar uma cidadã consciente, que sei reivindicar, que sei me posicionar frente ao mundo, e eu aprendi isso lendo dentro da Escola-Parque, porque eu aprendi a ler. Passei a ler livros que traziam noções críticas, que poderiam nos levar para um paraíso, então desenvolveu o meu princípio de cidadania, muito bem.

Nos dados apresentados na tabela 4, o hábito de leitura se apresenta como principal benefício trazido pelo uso da Biblioteca na Escola-Parque. Essa informação nos remete ao Manifesto das Bibliotecas Escolares, que estabelece como um dos seus objetivos desenvolver e

manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida. Dessa forma, o aluno 10 demonstra que aquele espaço informacional contribuiu no desenvolvimento do hábito de ler, ao declarar:

[...] hoje eu agradeço a Escola-Parque por ter me dado essa oportunidade; porque eu não gostava de ler, ao participar das aulas de bibliotecas - chamavam aulas de bibliotecas - eu passei a ser um leitor assíduo

Ao conceber a leitura desenvolvida na biblioteca como uma atividade relevante para a aprendizagem na Escola-Classe, o aluno 8 diz:

[...] a gente saía da biblioteca, lia alguma coisa e levava para a Escola-Classe para discutir.

Outros, vêem nessa atividade a base fundamental para sua formação:

[...] a leitura influenciou até na minha carreira universitária. Eu fiz secretariado executivo e tive muitas redações premiadas; eu tinha facilidade de escrever, tinha facilidade também de me comunicar [...] então tudo isso eu trouxe daquela base, de lá da biblioteca Escola- Parque (aluno 1).

Sem a leitura a gente não consegue nada, isso foi passado para nós, foi passado ao vivo, na prática, que através da leitura a gente consegue fortalecer a nossa formação.. Essa informação era passada para nós e a gente sentia na prática que tinha coisas que a gente não sabia e que na biblioteca a gente tomava conhecimento e ficava com o estímulo (aluno 13).

[...] toda orientação que eu tive foi através dos livros, eu conheci muito a vida através dos livros, até orientação sexual, então eu devo aos livros [...] essa questão do livros, da leitura, de eu gostar de ler, eu acho que foi a salvação da minha vida, nessa origem, na base da Parque (aluno17).

No que se refere à sedimentação desse hábito, os depoimentos abaixo indicam a permanência de tal prática no decorrer da vida de cada um desses sujeitos:

Depois que eu saí da escola, eu continuei com o hábito de ter uma instrução na biblioteca e de ler livros na biblioteca (aluno 4).

[...] tudo o que a gente absorve na biblioteca permanece conosco a vida inteira, a gente não perde (aluno 13).

[...] hoje eu gosto de ler muito, leio um livro a cada 2 dias, parece mentira, mas eu leio um livro a cada 2 dias (aluno 10).

Na biblioteca eu desenvolvi o gosto pela leitura. Em função de ter desenvolvido o gosto lá na Escola Parque é que hoje eu ainda mantenho esse hábito (aluno 11).

[...] a frequência à biblioteca realmente é uma coisa assim que contribuiu muito, muito, despertou o gosto pela leitura; hoje eu acho que é em função disso que quando estou sem ler, fico sentindo mal, acho que começa a faltar alguma coisa, aí dá uma ansiedade, uma angústia, eu preciso de um determinado espaço onde eu consiga ler e assimilar bem; às vezes eu saio correndo, com o pouco tempo que eu tenho e vou para esse espaço [...] isso foi um vício da biblioteca (aluno 12).

Os depoimentos evidenciam que quando a construção e desenvolvimento do hábito de leitura são construídos na primeira fase da infância, este dificilmente deixará de fazer parte da vida de cada sujeito, permanecendo como um conhecimento reconhecidamente válido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos que a Biblioteca da Escola-Parque, enquanto espaço de produção, aquisição e disseminação do conhecimento, constituiu-se num *locus*, no qual as práticas leitoras ali desenvolvidas promoveram mudanças no estado de conhecimento dos sujeitos sociais, tendo em vista que os hábitos adquiridos, além de contribuírem no processo de ensino-aprendizagem requerido pela prática pedagógica, permaneceram incorporados em seus acervos culturais/informacionais. Desse modo, acreditamos que tal biblioteca desempenhou um papel fundamental na construção da cidadania, haja vista a compreensão dos ex-alunos de que a presença deste espaço em suas vidas foi determinante para a sua formação social, seja como ambiente de lazer/prazer, seja como local de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AMATO, M; GARCIA, N. A R. A biblioteca na escola. In: GARCIA, E. G. (org.) **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p.9-24.

FRAGOSO, Graça Maria. **A biblioteca escolar**: tecnologia da emoção. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index>>. Acesso em: 18 jan. 2000a. Artigo original publicado na revista *Presença Pedagógica*, v. 2, n.9, maio/jun. 1996, p. 52-57.

_____. **A biblioteca na escola**. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index>>. Acesso em : 18 jan. 2000b. Artigo original publicado na revista *DOIS PONTOS*, v.4, n.39, nov./dez., 1999, p. 39-42.

_____. **O livro, a biblioteca e a primeira infância**: trilogia do afeto. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index>>. Acesso em : 18 jan. 2000c. Artigo original publicado na revista na revista *Presença Pedagógica*, v. 4, n.22, jul./ago. 1998, p. 44-51.

_____. **A “bela adormecida” precisa acordar**. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index>>. Acesso em : 18 jan. 2000d. Artigo original publicado na revista *AMAE Educando*, v.29, n.263, out. 1996, p.32-34.

IMBERON, F. (Org.) **A educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. Tradução Ernani Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zhaar, 1978.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1999, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: quem cuida. In: **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p.25-34.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1991.

_____. Biblioteca escolar: da gênese à questão. In: Zilberman, Regina (org.) **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 10. ed. rev. atual. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. 164 p. p. 133-146.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **R. Bibliotecon. & Com.**, Porto Alegre, v. 7, p. 9-30, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

_____. A educação escolar no Brasil. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1976. 449 p. p.388-413.

_____. **Educação é um direito**. São Paulo: Nacional, 1967.

_____. **Educação no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1969.

_____. **Centro Educacional Carneiro Ribeiro**. Disponível em: <<http://www.url:http://prossiga.br.anisio> teixeira >. Acesso em: 10 abr. 2000.

UNESCO/IFLA. Manifesto da bibliotecas escolares Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/manifest.html> > Acesso em: 02 maio 2000.

VIANA, Marcia M. et al. Entre a luz e a sombra: uma revisão de literatura... In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1999, Belo Horizonte. **Anais...**: Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999. p. 17-30.

Abstract

This study show the experience the action of reading into Library of School-Park of Carneiro Ribeiro Educational Center (CECR), at 60's década in Salvador-Ba and the contributions the of activities reality on the place for construction and development the pleasure of reading in the students.

Key-words: Reading ; Sholl library; Knowledge